

## HERANÇA DE UM HERÓI

**\* Roberto Rodrigues**

Um dos temas mais repetidos por analistas políticos mundo a fora é a falta de lideranças globais capazes de definir rumos confiáveis às nações e seus povos. Essa questão acaba se refletindo nas principais organizações multilaterais que vão perdendo protagonismo no encaminhamento das soluções dos problemas centrais da Humanidade. Por isso a Rio +20 foi um fiasco em termos de compromissos efetivos na defesa da sustentabilidade, a Rodada de Doha da OMC não sai do lugar há quase 14 anos, e a própria ONU não consegue cumprir a contento seu papel de guardião da paz em todo o mundo.

Mesmo os Estados Unidos, maior potência econômica global, vinha se ressentindo disto.

Mas na segunda metade de seu segundo mandato, o presidente Barack Obama vai montando uma série de estratégias que veem dando a ele um evidente destaque internacional.

Além de conduzir seu grande país a uma recuperação econômica depois da crise financeira global de 2008/2010, com a volta dos empregos, o controle fiscal e da inflação e um novo surto de crescimento - o que lhe granjeou uma respeitosa reverência mundial e também a valorização do dólar - o presidente americano tomou medidas para reduzir as crescentes desigualdades sociais (como a corajosa reforma no sistema de saúde), colocou os Estados Unidos numa estratégica posição de destaque comercial com a participação no Acordo Transpacífico de Livre Comércio que trará grandes e positivas consequências comerciais aos países signatários dos dois lados do maior oceano do mundo e iniciou negociações para um gigantesco acordo bilateral com a União Europeia, cujos efeitos são ainda incalculáveis, para o bem e para o mal (uma vez que o comércio entre ambos deve crescer, escanteando outros parceiros comerciais atuais, inclusive o Brasil).

E ainda teve sorte com a descoberta do shale gas, o que transformou os Estados Unidos numa grande potência energética: de importadores de petróleo, passarão a exportadores do produto. Isso recuperou a indústria norte americana e reduziu custos para o setor rural. Mas não parou por aí.

Tomou uma iniciativa impensável há poucos anos, resgatando as relações diplomáticas com Cuba, depois de meio século de afastamento. E fez um acordo com o Irã que poderá ter importantes consequências na questão da preservação da paz no oriente médio.

Enfim, com todas essas ações, já deixará uma herança na qual muitos não acreditariam no começo do segundo mandato.

Mas nada disso tem um efeito mundial realmente impressionante, determinante de mudanças de rumos que beneficiariam os cidadãos menos favorecidos do planeta, especialmente dos países em desenvolvimento. Claro que os acordos com Cuba e Irã são emblemáticos, mas seu alcance se restringe às regiões em que estão localizados os dois países. Falta um grande lance estratégico.

Para conseguir isso, Obama teria que tomar uma atitude super corajosa e bastante improvável: levar à Rodada de Doha da OMC a decisão de reduzir o protecionismo agrícola norte americano. Isso sim seria uma medida de efeitos extraordinários. A União Europeia teria que seguir seus passos, permitindo o espetacular crescimento da produção agrícola dos países emergentes. O comércio mundial de alimentos mudaria os rumos atuais, haveria melhor distribuição de riqueza, criação de empregos estáveis, a geopolítica seria rebalanceada e a paz seria duradoura. Com segurança alimentar universal.

Que herança maior poderia Obama deixar? Seria sem dúvida o maior herói do século XXI, sobretudo para os mais pobres.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**